



O PAPA LEÃO X

De todos esses grandes homens que encheram de brilho e esplendor o século XVI, Francisco I, rei de França, Henrique VIII, rei de Inglaterra, Solimão I imperador da Turquia, etc, é o papa Leão X, que ao dito século deu o seu nome, quem occupa o primeiro lugar na historia d'aquelle tempo. O importante papel que este personagem,

tão sabiamente, desempenhou no theatro politico do mundo e o modo como se houve n'essa grande revolução religiosa, de que Luthero foi origem, bastariam para dar ao seu nome toda a celebridade; outra coisa, porém, concorreu para a sua eterna gloria e para tornal-o o alvo da admiração de todas as gerações futuras: foi o grande impulso que deu ás sciencias e ás artes, as quaes, ao tempo, se achavam em perfeita decadencia.

Leão X, descendente da celebre familia dos Médicis, nasceu em Florença, no mez de dezembro de 1475. Destinado, desde logo, por seu pai, Lourenço de Médicis, cognominado o *Magnifico*, á vida ecclesiastica, recebeu a tonsura não tendo ainda completos sete annos de idade. Não commentamos este facto, porque o espaço de que podemos dispor nol-o não permite. Toda a ambição de Lourenço de Médicis era ver seu filho elevado ao cardinalado, e bastantemente instruido; por consequencia, se por um lado empregou todos os esforços para a sua boa educação, já dando-lhe os melhores exemplos, já entregando-o a mestres os mais habéis; esforços estes não baldados, pois o talento de João de Médicis era tal que depressa conseguiu igualar os homens encarregados do seu ensino; por outro lado, não trabalhou menos para obter-lhe, de Innocencio VIII, o chapéu de cardeal, objecto principal dos seus cuidados.

Tinha, pois, João de Médicis, 13 annos, 1488, quando subiu ao mais alto grau da jerarchia ecclesiastica; mas não podendo, pela sua pouca idade, ser logo revestido, formalmente, da purpura, o papa estabeleceu a condição de que o joven cardeal passaria a estudar tres annos na universidade de Pisa. Assim succedeu; e, em 1492, recebeu as primeiras ordens, indo immediatamente para Roma, onde, por suas maneiras affaveis, talento e vastidão de conhecimentos grangeou a affeição dos grandes e a estima dos homens de letras.

Obrigado, bem como toda a familia dos Médicis, pela entrada de Carlos VIII na Italia, a sair de Florença, para onde se havia retirado, em consequencia da sua opposição á eleição do papa Alexandre VI, João de Médicis visitou a Allemanha, França, Inglaterra e por toda a parte encontrou admiradores e amigos. No numero d'estes ultimos citaremos Erasmo, a quem o cardeal consultou sempre nas mais difficeis circumstancias.

Durante os seis annos do seu desterro nunca teve ingerencia nos negocios do estado; entregou-se unicamente ao cultivo das letras e das artes.

Foi só em 1505, voltando a Roma, onde logo se fez notar pelo seu gosto pelas sciencias e bellas artes, que o cardeal Médicis, obtendo a amisade do papa Julio II, começou a ingerir-se nos negocios do governo. Desempenhou varios cargos importantes sob este pontificado, e, em 1513, por morte de Julio II, foi eleito seu successor, tomando então o nome de Leão X. A subida d'este varão ao throno pontifical foi magnifica e os seus discursos cheios de graça, de bondade e de eloquencia encantaram os Romanos. Escolheu para seus secretarios os cardeaes Bembo e Sandoleti, dois dos maiores sabios do seu tempo.

A nossa intenção não é desenrolar hoje o vasto quadro dos acontecimentos politicos e religiosos que assignalaram o reinado de Leão X. Mais tarde tratando de Luthero e de outros homens notaveis do seculo XVI, teremos occasião de mostrar aos nossos leitores os eminentes serviços prestados por aquelle pontifice ao catholicismo e o seu tacto e finura na politica. O que, por agora, quere-

mos, é apresentar Leão X como o protector das letras e das artes, que foi isso, justamente, ó que lhe immortalisou o nome.

Em tempos anteriores á morte de Julio II, notava-se nos povos uma impaciencia, um desejo ardentissimo de sairem das trevas da ignorancia e da barbárie. As cruzadas, abrindo novas estradas commerciaes, haviam começado esta grande revolução, suffocada pela affluencia, em Italia, de um grande numero de sabios que os Turcos, victoriosos do imperio grego, repelliram para a Europa.

Esta tendencia dos espiritos para a civilisação não necessitava senão do auxilio dos governos para ter todo o desenvolvimento. Procuravam-se, com uma avidez incrível, as obras dos antigos. Era na Italia, principalmente, que se operava esta nobre agitação do espirito humano; mas os homens distinctos, que se entregavam ao estudo das sciencias e das artes, estavam sendo a todos os momentos arrancados aos seus trabalhos e separados uns dos outros pelas guerras que assolavam o paiz. A exaltação, porém, de Leão X ao throno pontifical foi uma barreira insuperavel a todos os males que acabamos de expôr. Este homem, amante do progresso, que via, com grande pezar, a queda da litteratura, procurou, immediatamente, reunir em um só centro todos os raios dispersos. Restaurou, por tanto, a universidade romana, entregou-lhe todos os seus rendimentos, e chamou sabios de todas as partes do mundo para regerem as suas cadeiras. A medicina, as mathematicas, o direito civil, a philosophia moral, a rhetorica, todas estas sciencias alli tiveram logo os seus representantes, bem como a theologia e o direito canonico.

Devido aos cuidados d'este pontifice, os modelos da litteratura grega e latina, Homero, Platão, Sophocles, Pindaro, Theocrito, Tacito, dos quaes comprou por elevadissimo preço um *manuscripto* incompleto, saíram da obscuridade e foram impressos sob a direcção dos homens mais instruidos da sua côrte, aos quaes, em recompensa, conferiu depois altas dignidades.

A astrologia judiciaria começava então a ceder lugar á verdadeira astronomia; Celio Calcagnini tinha já procurado provar o movimento diurno da terra, que mais tarde foi a gloria de Copernico e de Galileo, e Leão X, projectou a reforma do calendario; mas a honra d'esta reforma estava reservada para o papa Gregorio XIII.

Duas bibliothecas, a do Vaticano e a que o papa mandou construir por Miguel Angelo, em Florença, sua patria, se enriqueceram de livros, restos da antiguidade, e de todas as producções das bellas artes que Leão X mandava colligir, com grande dispendio e gosto esclarecido. Os leitores não ignoram que foi sob o pontificado de Leão X que Miguel Angelo e Raphael ornaram com suas magnificas pinturas o palacio do Vaticano e muitos outros dos principaes monumentos de Roma. O pontifice comprehendia toda a extensão do talento d'estes grandes mestres e via com um orgulho nobre elevar-se uma multidão de discipulos intelligentes em roda

d'estes dois homens, cujo genio creador elle exultava.

O brilhantismo da cõrte de Leão X augmentou em seguida ás medidas de rigor que se vio obrigado a tomar contra os conspiradores que quizeram tentar contra os seus dias. Reconhecidos culpados do projecto de envenenamento, tres d'entre elles foram sentenciados á morte, e muitos outros condemnados a penas severas. Personagens distintos, mesmo cardeaes, tinham sido cúmplices na conspiração, e Leão X sentiu a necessidade de suavisar o sentimento de tristeza e de irritação que estes actos de justiça produziram em muitos corações. Fez, pois, uma promoção de trinta e um cardeaes, e procurou encantar a aristocracia romana com a magnificencia e o bom gosto. Este luxo bem entendido, espalhou a abundancia e os prazeres na vida de todas as classes do povo Romano.

A liberdade do commercio, e a sabedoria da administração, augmentaram a felicidade geral, e fizeram abençoar o nome do pontifice pelo povo e pelos artistas que lhe deviam uma grande parte da sua prosperidade: assim, não houve senão uma voz para applaudir o decreto solemne que conferiu a Leão X uma estatua cuja execução foi confiada ao grande Miguel Angelo, e que ainda se vê no Capitolio.

Tanta grandeza, prazeres e prosperidade, tinham tornado a capital do mundo catholico o ponto de reunião de todos os homens grandes e instruidos, no meio dos quaes Leão X gostava sempre de se achar. Reunia-os em esplendidos banquetes, onde mostrava, com tudo, uma grande sobriedade, e animava uma familiaridade tal, que, provavelmente, escandalisaria as gentes do nosso tempo. Muitas vezes, durante os banquetes, mandava fazer leituras escolhidas, ou originava discussões de ordem elevada sobre sciencias e artes.

Gostava das pompas do culto e procurava sempre harmonisar a riqueza de seus ornamentos pontificaes com a solemnidade e brilhantismo dos officios divinos.

Leão X era de nobre presença, estatura elevada, rosto alvo e corado, olhos pardos e vivos, nariz e bocca regular, voz agradável e sonora e maneiras affaveis, excepto nas raras occasiões em que a caça, divertimento que amava até á loucura, não correspondia aos seus desejos.

O inimitavel Raphael traçou de Leão X um retrato fiel, que é uma das suas melhores obras, e do qual offerecemos uma copia aos nossos leitores. Á esquerda do pontifice está o cardeal Rossi; á direita o cardeal Julio de Medicis, que depois foi elevado ao pontificado, tomando o nome de Clemente VII.

Havia apenas nove annos que Leão X tinha recebido a tiara, 1 de dezembro de 1520, quando morreu quasi subitamente. O corpo tendo apparecido inchado de uma maneira extraordinaria, foi aberto, com permissão do consistorio, e os medicos declararam que o papa tinha morrido envenenado. Foi preso o copeiro, mas depressa saiu

solto por falta de provas. Um rumor surdo accusou Francisco I, rei de França, que tinha tido com o papa grandes contendas, e que acabava de perder, oito dias antes, o Milanez; mas não está mesmo bem averiguado que houvesse envenenamento.

Os medicos d'aquelle tempo não estavam muito conhecedores dos effeitos do veneno.

O tumulo que se elevou a este grande principe na igreja de St.^a Maria da Minerva tinha sido esboçado por Miguel Angelo. A estatua do pontifice é de Raphael Monte-Lupo.

PERES LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

III

O desapontamento foi igual ao impeto. As choupanas estavam ermas.

—Inferno! exclamou Perez Lorenzo, os malditos fugiram.

E correu como louco, por todos os recantos, batendo com a coronha da caçadeira nas paredes e nos moveis, esperando encontrar algum dos bandidos. Os contra-guerrilhas olhavam para elle com certa desconfiança. Lorenzo de coisa nenhuma dava fé. Com as faces affogueadas corria como um tigre em torno da jaula, arrombando moveis, despedaçando fechaduras. Affigurou-se-lhe suspeito um enxergão, cuja palha parecia que fõra revolvida de fresco. De um pulo saltou para cima d'elle, e ia a despejal-o, quando um homem, que lá estava escondido, se ergueu de subito agitando um punhal, que lhe cravava de certo no peito se o capião Viarmont, a quem esse enxergão tambem causara suspeitas, e que se fõra, devagarinho, chegando para lá, não aparasse o golpe, decependo ao mesmo tempo a mão do bandido.

—Obrigado, exclamou Perez Lorenzo estendendo a mão ao official francez, se houvesse realisado já o meu desejo, não lhe agradecia o serviço. Assim agradeço-lh'o do fundo da alma. Preciso viver até me vingar.

Os soldados lançaram a mão ao bandido, que se debatia furioso. Novas pesquisas fizeram descobrir ainda outro, que só pedia a vida, e que se mostrou tão covarde como o primeiro se mostrara audacioso. Não foi possivel encontrar mais nenhum.

O bando dos condores deixou apenas nas mãos do caçador aquelles dois *trainards*. É verdade que eram ambos captivos de bastante importancia porque um d'elles era Juan Lopez, cunhado de Juan Pablo, o outro Omata, primo do mesmo chefe de guerrilhas.

N'este momento entrava na choupana o coronel Dupin.

—Fugiram os milhafres? perguntou elle relanceando para Perez Lorenzo um olhar suspeito.

—Fugiram! tornou Perez Lorenzo com um modo sombrio, mas a aguia não lhes perdeu os rastros; não conservam os ares o sulco das azas, mas a terra denuncia o vôo rasteiro dos passaros covardes.

—Responde pelo cumprimento da sua promessa? tornou o coronel.

—Respondo, tornou Perez Lourenzo, lembre-se o coronel de cumprir a sua.

—A minha? atalhou Dupin tentando recordar-se. Perez Lorenzo não fez mais do que apontar para os dois prisioneiros.

—Olá! exclamou o coronel, que ainda não reparara n'elles, sempre ficaram alguns nas redes. Entendo, continuou, voltando-se para o mexicano, estes dois homens pertencem-lhe, mas primeiro consinta que os oijamos cantar.

—*Si leur ramage ressemble à leur plumage*, murmurou o incorrigível Viarmont, *ils seront les phénix des hôtes de ce bois*.

A citação de Lafontaine fez brotar um sorriso nos lábios do coronel, que se voltou para o seu subalterno, dizendo:

—Se elles nos derem as informações de que precisâmos, ser-nos-ha mais agradável a sua voz do que o proprio canto do gracioso colibri. Parece-me, meu caro capitão, que a boa da raposa, ao saborear o queijo, achou dulcíssimo o grasnar do corvo.

—É escusado, interrompeu Perez Lorenzo; conheço-os a ambos. Juan Lopez morre mas não dá palavra; e Juan Pablo não é tão tolo que vá confiar a Omata o segredo dos seus movimentos.

—Tentemos sempre, disse o coronel.

Perez Lorenzo encolheu os hombros, e foi sentar-se a um canto da choupana. Mettia horror, contemplar esse rosto juvenil e formoso, devastado pela tormenta de uma dor immensa; a sua physionomia tinha a immobilidade do marmore, mas do marmore lascado pelo raio, que lhe deixou vestígios indeleveis na sua lisa superficie.

Como elle o presagiava, foram infructíferas todas as tentativas que os francezes fizeram para obterem dos dois prisioneiros a revelação do caminho que os bandidos haviam seguido. Juan Lopez não descerrou os lábios, senão para dizer: *Caramba!* quando as supplicas e as lamentações do seu companheiro o irritavam em demasia. O coronel, vendo que não tirava fructo da sua persistencia, voltou-se para Perez Lorenzo, e, indicando-lhe com um gesto que podia fazer dos prisioneiros o que quizesse, saio com os seus subordinados.

Viarmont foi o ultimo a sair. Ainda pôde ver um relampago de satisfação infernal fusilar nos olhos de Perez Lorenzo, ainda o pôde ver levantar-se, e avançar para os dois bandidos com um diabolico sorriso nos lábios.

O proprio Juan Lopez estremeceu e descorou, ao ver aquelle vulto sinistro caminhar em direcção a elle.

A necessidade de formar os seus soldados obrigou Viarmont a sair, mas a curiosidade actuava poderosamente no seu espirito, e, quando a contra-guerrilha se poz em marcha, Viarmont deixou-se ficar á reclaguarda para ver o que resultava d'alli.

Primeiro ouviu gritos dolorosos, depois viu abrir-

se a porta, e sairem os dois prisioneiros, impellidos pela coronha da caçadeira de Perez Lorenzo. Devemos dizer que os francezes tinham atado com rijas cordas os pulsos dos dois bandidos.

A avaliar pelo movimento dos lábios de Juan Lopez, e pelo seu sorriso ironico, o valente guerrilheiro insultava o seu algoz, como os Indios selvagens, cujas tradições de bravura impassível parecia que eram conservadas fielmente por elle, quando os seus inimigos os atavam á estaca do martyrio; Omata chorava como uma creança.

Perez Lorenzo amarrou os dois a uma arvore, voltou á choupana, trouxe uma corda, atou-a com todo o vagar a um ramo, fez a laçada e enforcou Juan Lopez. Em quanto o guerrilheiro estrebuchava nas convulsões da agonia, Perez Lorenzo parecia dirigir-lhe palavras zombeteiras, cujo murmúrio sinistro chegava muito vagamente ao ouvido de Viarmont.

Depois desatou o cadaver, atirou-o com um pontapé para o cerrado do arvoredado, e passou a enforcar o pobre Omata, que desmaiara de pavor. Esse quasi que nem sentio a morte. Os uivos dos chacaes, que parecia presentirem que se lhes estava preparando um festim, resoavam lugubremente no fundo da floresta.

—*Mordieu*, exclamou energicamente e n'um tom de colera reprimida uma voz por traz de Perez Lorenzo que mirava com um prazer feroz os dois cadaveres, julgava que se tinha extinguido a raça dos Caraibas. Vejo que me enganei. Se a sua vida não estivesse garantida pela palavra do meu coronel, e por conseguinte debaixo da protecção da bandeira franceza, havia de lhe ensinar a cortezia e a humanidade europeas.

—Capitão, respondeu Perez Lorenzo voltando-se e fitando n'elle um olhar que esfriou o capitão até á medulla dos ossos apezar da sua reconhecida bravura, não avalie o procedimento dos outros, e deixe que Deus peze, na sua divina balança, os nossos merecimentos e as nossas culpas.

E, dizendo isto, affastou-se vagarosamente. A chuva continuava a cair torrentuosa, o trovão ribombava nos ares, e os chacaes uivavam lugubremente ao fundo da floresta.

(Continua)

O INFELIZ POETA

O quadro, do qual é copia fiel a gravura que hoje offerecemos aos nossos leitores, foi desenhado pelo celebre pintor e gravador Will Hogarth, a quem as bellas artes conferem um logar eminente entre os seus cultivadores.

Will Hogarth, cuja biographia publicaremos opportunamente com o seu retrato, tornou-se notável pela sua originalidade e pela verdade com que conseguiu exprimir as paixões e as scenas ordinarias da vida.

Todos os seus quadros, como disse um notavel escriptor, são outras tantas comedias em pintura, censurando os vicios dos homens, para corrigil-os; alli tudo é acção, movimento, interesse, verdade

e não se encontra um só personagem que não seja copia do natural.

A nossa estampa attesta o que deixamos dito. Que naturalidade, que expressão em tudo! De um lado, o poeta, cuja missão no mundo é soffrer e

cantar, coçando pausadamente na cabeça, como que esperando ahi encontrar a consoante que lhe falta para completar a dedicatoria, que deve acompanhar o seu poema, *A fonte das riquezas*, com o qual espera fazer a sua fortuna; do outro, sua esposa,



que tendo deixado o filhinho adormecido se havia assentado costurando, estórvada em seus trabalhos pela leiteira, que, mostrando a conta, exige a prompta satisfação do seu credito. Atraz da leiteira, o cão apoderando-se de um bocado de toucinho que a infeliz esposa, a troco da pequena somma pela qual lhe compraram uma touquinha que engenhara na

vespera, obtivera para dar gosto aos tristes feijões do seu jantar. Aos pés da joven esposa, a gata com os filhos tranquillamente deitada em cima da sobrecasaca do pobre poeta, depois de haver rovolucionado todos os jornaes, manuscriptos e mais objetos de interesse para os donos da casa.

Quanta verdade não existe n'este quadro!

IDILIO

II

A Tempestade

—Ouves Lilia, o horrisono bramido da tempestade, que nos está imminente? Vês os fogos que fendem as nuvens, ouves o trovão, e a par do trovão o ruído medonho dos estragos causados pelo raio despedido do firmamento? Na profunda obscuridade que nos rodêa não posso ver-te senão á luz dos relâmpagos; nem me deixa ouvir o grito da tua angustia, o bramir horroroso e terrível da tempestade. Parece que só a nós ameaça de morte; porque estamos sós no meio dos bosques. Sinto, porém, que no meio do terror, que te anniquilla, cingiste meu corpo com os teus braços, e que teu coração, sobresaltado, palpita junto ao meu. Estreita-me ainda com mais força contra o teu seio, Lilia, e abençoarei os terrores e os perigos da tempestade.

Em breve apparecerá novamente o sol, placido, sereno, como um pensamento do amor divino. Em seu refulgente carro percorrerá os limpidos ceos, e o vento aquietará. As nuvens, os montes, e os prados de luz pura serão vestidos, e tornará o murmurio do arroio a acompanhar o canto das aves e a voz mysteriosa dos bosques. Oíça eu então a harmonia da tua falla no concerto que a natureza envia á gloria do Senhor; beije tua fronte radiante de alegria; leia em teus olhos que confirmas na bonança os direitos que me deste na tormenta; e lembrando-me de onde me vem tanta ventura, abençoarei os terrores e os perigos da tempestade.

Ai! o que é a vida do homem senão um temporal desfeito? É o que seriam sem elle o coração e o entendimento? Apoz medonha tormenta é mais brilhante o céu, o ar mais puro, mais alegre a campina; depois do obstaculo que retarda a ventura, ou da desgraça que d'ella nos afasta, mais funda e viva a sente o coração. Quão sublime é o poder de Deos quando arma o seu braço com a tempestade! Assim como elle sublime, apparece a virtude no meio dos combates do vicio. Oh! que meus dias não findem com a alma já cansada de gosar perenne ventura. Que eu veja azares, lides e privações na vida, e com o teu amor, Lilia, as tuas iras; porque o socego me intristece, e no coração, e na natureza me dão prazer, os terrores e os perigos da tempestade.

—Cessou a tormenta, amado bem; reconhecemos Deos no raio; bemdigamol-o agora no iris. Aqui tens o meu rosto; imprime n'elle o beijo do teu amor... Um, um somente; que o meu coração estremeceu ao contacto dos teus labios... Deixa-me... Logo cantarei a felicidade dos pastores e a sua innocente vida. Depois de cantar reclinarei a cabeça sobre o teu peito e abraçarte-hei como ainda não ha muito o fiz, quando fechados os olhos e o peito opprimido, buscava em ti, que és homem, um appoio contra a tormenta. Em seguida, meu bom amigo, zangar-me-hei para que tu procures abrandar-me; mas, se

quizeres obter o meu perdão, buscarás a permissão de minha mãe, para jungirmos os nossos fados, quando eu durma reclinada nos seus joelhos. Ah! se ella te dá o nome de filho, e se a ambas nos promettes um amor eterno, bemdiremos, como tu, meu querido amigo, os terrores e os perigos da tempestade.

RÃ-PULANTE

II

Quando Rã-Pulante e Castanheta, para obedecerem ás ordens do rei, correram a fallar-lhe, acharam-n'o bebendo vinho *realmente* com os sete membros do seu conselho privado; mas parecia estar de máo humor. Sabia que Rã-Pulante temia o vinho, porque esta bebida levava-o á doudice—e a doudice, aqui para nós, não é lá das cousas mais agradaveis—mas o rei, que presava muito a sua dignidade, e era bastante caridoso, tinha um prazer inexplicavel em obrigar o coxo a beber, e—usando da expressão real—a ficar alegre.

—Aproxima-te, Rã-Pulante, disse elle, logo que o bobo e a sua companheira entraram na camara; bebe este copo á saude dos teus amigos ausentes (aqui Rã-Pulante suspirou) e ajuda-nos com a tua imaginativa. Necessitamos de typos, de caracteres, meu bravo! de alguma cousa nova, extraordinaria. Já estamos cansados d'esta monotonia eterna. Vamos; bebe! o vinho ha de esclarecer-te as idéas!

Rã-Pulante procurou, como de costume, responder ao rei com uma palavra chistosa, mas não ponde. Era justamente o dia do anniversario do seu nascimento e a ordem de beber á saude dos amigos ausentes fez-lhe rebentar as lagrimas dos olhos. Algumas gotas amargas caíram no copo ao recebê-lo humildemente das mãos do seu bom rei.

—Ha! ha! ha! rugio este ultimo, quando o anão, com repugnancia, levou o copo aos labios; vê o que póde um copo de bom vinho! Hein! Como já te brilham os olhos!

Pobre rapaz! Os olhos mais depressa lhe faiscavam do que brilhavam; porque o vinho excitava-lhe instantaneamente o cerebro. Acabando de beber pôz, todo tremulo, o copo sobre a mesa, e passou um olhar fixo e quasi doudo pelo auditorio.

Todos pareciam contentissimos do feliz successo da farça real.

—Agora, mãos á obra! disse o primeiro ministro, homem muitissimo gordo.

—Exactamente, disse o rei; vamos, Rã-Pulante, auxilia-nos. Dá-nos typos, meu rapaz, caracteres! temos grande precisão de *character*! ha! ha! ha!

E, como o dito tinha pretensões a engraçado, todos fizeram côro ao riso real. Rã-Pulante tambem rio, mas o seu riso era frio e distraído.

—Vamos, vamos, continúa o rei, com impaciencia; não achas nada?

—Diligenceio achar alguma cousa inteiramente

nova, replicou o anão, desorientado, porque o vinho lhe fervia no miolo.

—Diligenceias! gritou ferozmente o rei exemplar. Que entendes, tu, por essa palavra? Ah! compreendo. Desconfiou; precisa mais vinho. Toma! bebe isto! — e encheu novamente o copo e apresentou-o ao coxo, que nem podia respirar de afflicto que estava.

—Bebe, já te disse, gritou o nobre rei, vá, com mil demonios!..

O anão hesitava. O rei estava como um pimentão. Os cortezãos sorriam maliciosamente. Castanheta, pallida como um cadaver, aproxima-se do bom monarcha, e, ajoelhando diante d'elle, roga-lhe que poupe o seu amigo.

O rei olhou-a por alguns instantes, evidentemente estupefacto de semelhante audacia. Parecia ignorar o que devia fazer ou dizer n'um caso d'aquelles, ou como exprimir sufficientemente a sua real indignação. Por ultimo, sem pronunciar uma syllaba, repelliu-a violentamente para longe de si, e atirou-lhe ao rosto o vinho que se continha no copo cheio para o anão.

A pobre pequena, ergueu-se conforme poude, e, não ousando nem suspirar, retomou o seu lugar junto á mesa.

Seguiu-se por uns trinta segundos um silencio mortal, durante os quaes ter-se-ia sentido a queda de uma folha, ou de uma penna (que não fosse de aço.) Este silencio foi interrompido por uma especie de estridor surdo, porém, rouco e prolongado, que pareceu rebentar de todos os cantos da camara.

—Porque, porque... porque fizeste isso? perguntou o rei, voltando-se com furor para o anão.

Este, que parecia recobrar os sentidos, olhando fixamente o monarcha, mas com tranquillidade, respondeu:

—Eu, eu? Como poderia ser?

—O som, pareceu-me, que vinha de fóra; observou um dos cortezãos; talvez fosse o papagaio aguçando o bico.

—É verdade, tornou o monarcha, como bastante consolado pela idéa; mas, pela minha honra de cavalleiro, juraria que era o rangido dos dentes d'este miseravel.

Ao ouvir isto, o anão, soltou uma estrepitosa gargalhada (o rei tambem rio, porque era um d'estes homens que não podia conter o riso quando o via nos outros) e rangeu os dentes de modo tal, com tanta força, que seria para todos ficarem attonitos senão estivessem rindo tão despropositadamente; e depois, declarou que estava disposto a beber tanto vinho quanto lhe quizessem dar. O monarcha tranquillizou-se, e Rã-Pulante, tendo absorvido um novo copo, sem o menor inconveniente, entrou em seguida e com enthusiasmo no plano da mascarada.

—Não posso explicar, — observou elle muito tranquillo, e como se não tivesse bebido vinho — como se operou em mim esta mudança; mas, logo que Vossa Magestade bateu em Castanheta e a baptisou com vinho; logo que Vossa Magestade

teve a inspiração, que tanto nos alegrou; e em quanto o papagaio fazia aquelle singular ruido, occorreu-me uma maravilhosa idéa de divertimento; é um brinquedo do meu paiz, que se introduz muitas vezes nas mascaradas; aqui deve offerecer novidade. Infelizmente, são necessarias oito pessoas, e...

—E nós somos oito! — disse o rei, rindo muito da sua descoberta; — a conta justa! — eu e os meus sete ministros. Vejamos! que divertimento é esse; como se chama?

—Denominamol-o — *Os oito orangotangos acorrentados* — é uma cousa interessantissima, sendo bem executada.

—Bello! executal-a-hemos, disse o rei, empertigando-se e esfregando as mãos.

—A belleza do divertimento, continuou Rã-Pulante, consiste no grande susto que sempre causa ás mulheres.

—Excellent! rugiram em côro o monarcha e o ministerio.

—Eu vos caracterisarei, proseguio o anão; fiaivos de mim. A semelhança será tal que todos vos tomarão por verdadeiros irracionaes, e, naturalmente, o terror deverá ser igual ao espanto.

—Oh! é surprehendente! exclamou o rei. Rã-Pulante, acredita, que havemos de fazer de ti um homem!

—As cadeias teem por fim augmentar a desordem pela bulha que fazem. Todos julgarão, que fugistes aos guardas? Vossa Magestade não pode calcular o effeito que ha de produzir, no baile, a entrada dos oito orangotangos acorrentados, que a maior parte dos individuos tomarão por verdadeiros brutos, saltando e dando gritos selvagens, por entre a multidão de homens e mulheres garrida e brilhantemente vestidos! Causa alguma se lhe poderá igualar!

—Muito bêm! disse o rei; e logo, porque a hora se aproximava, todos se levantaram para executar o plano do bobo.

(Conclue)

Valho-me sempre das coisas naturaes, e assombro-me certo n'este caso, considerando que uma só gota de tinta que caia em uma redoma de agua clarissima basta e sobeja para a tornar turva; e que para aclarar e deixar limpa uma redoma de tinta, não basta uma pipa de agua clara. Assim costuma ser a má, e a boa fama que a muito boa não pode acabar de purificar a ruim, e a ruim logo empece á muito boa.

D. FRANCISCO MANOEL.

Sou tronco e rocha, ó bella,
Que açouta o sul, que brama,
E o mar que se incapella;
Não temas que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.

THOMAS ANTONIO GONZAGA.

BEATRIZ

.....—Oh tradimento! Pace
Sperar poss'io più mai? Qual vita orrenda
Di rimorsi, e di lagrime, e di rabbia!.....

ALFIERI

I

Cada qual tem seu dom; eu amo e canto.
Sei que o fadario é mau, sei que apoz tudo
Que exalta o coração, que o prende alegrê
Em extase ideal, que lhe dá mundos
Onde o deixa voar, por ceos em fora,
Não falta um dia, e breve, em que a verdade
Nos accorda, e nos diz.....—que diga, embora!
Em quanto o mundo passa, revolvendo,
Cem mil questões de *jota* e de *i* romano,
Eu ergo a voz, e os anjos da harmonia
Vagueam junto a mim; brilha-me um raio
De santa inspiração; minha alma accessa
Eleva-se até Deos, perde-se tudo
N'um jubilo immortal; da vida as trevas,
Dissipam-se em redor, um paraíso
De ethereo amor, de servidas delicias
Desabrocha ao meu lado; crescem rosas
Por entre os estevaes d'agra collina.
Desponta a aurora, as aves vem chilrando,
A tepida bafagem traz a espaços
O perfume subtil das lorangeiras;
E eu ergo a voz, minha alma em vago affecto
Ardente aneia;—o mundo passa e geme,.....
Cada qual tem seu dom; eu amo e canto!

II

Porque abri d'este modo o conto humilde
Que passo a relatar?..... não sei, mas penso
Que anda vaidade arrodado, e sem motivo,
N'este exordio fatal; ai, se as leitoras
Soubessem, como eu sei, quanto nos custa
Tragar a prosa vil que ondeia em torno
De nós..... de nós?—perdão, eu sou apenas
Um misero cantor, que algumas vezes
Versejo por demais, mas que não posso
Deixar de lhes dizer, que, se a policia
Podesse metter pé, de vez em quando,
N'esta *citta dolente* de escriptores,
E se deitasse a mão, como devia,
A quanto nescio vil ousa acoutar-se
Entre os que avultam, diffundindo raios
De essencia divinal, talvez eu fosse
Com mais de cem, que de ouropel mentido
Parvos! se adornam; oh, mas, sem rebuço,
Dava tudo por bom, vindo na recua
Tanto sandeu que alrota de chibante!

III

Passado o mau humor que estas palavras
Me fez vociferar, sem mais delonga
Entro na acção, e exponho o simples caso
Que ouvi contar ha días, de passagem,
Mas que gravei na mente, resolvido
A dar-lhe, como dou, carta de corso.
Talvez fosse melhor para o bom nome
Que eu pretendo alcançar, deixar no escuro
A pobre narração; mas é defeito
Que não posso perder, — mal que uma historia
Me cai no ouvido, em quanto a não desfeito
Sobre a primeira victima que encontro,
Revolvo-me inda mais que S. Lourenço
Na grelha,..... o que eu não vi, mas o que affirmam
Livros de santos padres, que egualmente
Não vi, mas que me dizem (quanto basta),
Que são obras de truz,.... todas *in folio*!—

IV

Desprenda-se a voz; sumida
Já vai de ha muito a tristeza;
Aos pés de etherea belleza
Prostre-se humilde o cantor.
Do mundo as vagas impura
Jamais o tocam de leve;
Em sonhos d'ouro e de neve
Contente respira amor!

Desprenda-se a voz; que importa,
Se a tempestade rebrama?
Não brilha na mente a chamma
Que a tudo em torno dá luz?
Que importa, quando ante os olhos
Radium mansões do empyrio,
Que a turba, no seu delirio,
Nos dê por leito uma cruz?

Deixai rugir a tormenta,
Almas que innunda a poesia;
Cantai por noite e por dia,
Erguei-vos na inspiração.
Bem vêdes que a natureza
Tambem de inverno se agita,
Que tudo canta e palpita
No seio da criação!

Que tendes, se acaso agora
Passais na terra esquecidos;
Se os vossos cantos, perdidos,
Ninguem sequer entendeu?.....
Quem sente o grato perfume
Que espira a rosa virente,
Se ella, à beira da corrente,
Por entre os juncaes rompeu?

Deixai que os homens blasphemem
Na sua effrene impudencia;
Levai, sorrindo, a existencia,
Fitaí a luz sem temor.
Aves de nivia plumagem,
Cantai da vida as doçuras,
Vagai nas ondas mais puras,
Entre ribeiras em flor.

Amai sempre; o amor resume
Quanto é poesia divina;
Chamma que a fronte illumina
Ascende do coração.
Amar é crear um mundo
Em que arrobados vivemos,
Em que a nossa alma embebemos
Nas ondas da inspiração!

Eis, pois, o vosso destino;
Que importa, qual seja a sorte?.....
O cysne, mesmo na morte,
Solta gorgeios de amor.
Dissipai quantas tristezas
Vos podem tocar de leve:
Em nuvens d'ouro e de neve
Erga-se altivo o cantor!

E. A. VIDAL.

(Continua.)

SUBSCREVA-SE

Em Lisboa — No Escriptorio; Typ. Franco-Portugueza, rua
do Thesouro Velho n.º 6, onde deve ser dirigida toda a correspon-
dencia subscriptada à **Empreza do Panorama.**

Preços da assignatura

Por anno	1300	} Estampilhado	{ 1560 réis	
Semestre	650			780 "
Trimestre	310			400 "

No acto da entrega e avulso 30 réis.

Vende-se em todas as lojas do costume.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Typ. Franco-Portugueza, = Rua do Thesouro Velho, 6.